

PAZ NA QUINTA AVENIDA

FERNANDO SILVESTRIN

Atibaia. A cidade fundada por bandeirantes no século XVII foi parada obrigatória para os estrangeiros em direção a Minas Gerais e seus tesouros escondidos. Hoje, o Palácio dos Bandeirantes, Rodovia dos Bandeirantes, canal de TV Bandeirantes, nome de ruas e escolas, monumentos e inúmeras estátuas espalhadas pela República são frutos de uma história fabulada sobre os heróis paulistas.

As longas travessias dos piratas do sertão, que matavam e escravizavam índios, era longa e árdua. Em fila indiana, homens brancos, mamelucos e milhares de índios domesticados marchavam centenas de quilômetros descalços e viviam selvaticamente. Além de pouso, a jornada exigia muitas paradas para descanso e reabastecimento. Seria esse sítio o lugar ideal para uma trégua? Uma breve busca pela paz?

Presenteei minha mãe com uma viagem em seu aniversário de cinquenta e oito anos, e a pacata cidade entre Campinas e São Paulo foi o destino sorteado. Mamãe escolheu Nova York, mas o orçamento calculou até Atibaia - um studio equipado com lareira, frigobar, TV por assinatura, banheiro e duas camas de solteiro com edredom 100% pluma de ganso. A varanda externa, com vista para a exuberante natureza e o fácil acesso ao prédio principal de requinte europeu, completava o pacote promocional de três dias com café da manhã incluído.

A estadia era um convite à minha mãe para ficar em silêncio comigo, e quando chegamos a paisagem bucólica impôs seu caráter de lugar mágico. Fora da alta temporada de férias, o hotel fazenda proporcionava o ambiente ideal para a busca do nirvana. E, diferentemente daqueles resorts nordestinos classudos, onde participar de um trezinho em ritmo de conga ou celebrar a “Macarena”, o sujeito precisa reservar com um mês de antecedência seu lugar na pista de dança. Impossível alcançar a iluminação num lugar desses. Em Atibaia, ainda tínhamos alguma chance ao sair do condomínio fechado, trocar a selva de concreto pelas trilhas pré-históricas, o cinza pelo verde, esquecer das redes sociais, da pressa dos outros e ficar longe (não tão longe) de tudo. Ansiava por um pôr do sol igual postagem de nômade digital na Tailândia e de banhar-me na lua – obscena de tão grande e brilhosa. Três dias, pareceu-me um tempo razoável para urbanoides devotados descarregarem do ombro o peso da metrópole, zerarem os pulmões e ouvirem a própria respiração nesse espaço de terra virgem apelidado de “Recanto da Paz”.

Desculpe dizer, impaciente leitor, mas as formas de mapear a alma e alumiar o espírito não são iguais para todos — Buda precisou da sombra de uma figueira e quarenta e nove luas. A paz interior do Sidarta era diferente da minha, da minha mãe e também diferente da sua. Eu, por exemplo, com o celular desligado e a poesia de bolso, irrompo meu inconsciente. Para minha mãe, a iluminação plena vem da árvore de natal no Rockefeller Center, do reflexo das vitrines na Quinta Avenida e do cenário de *O Rei Leão* na Broadway – nessa ordem. Tim Maia, o místico de voz áspera, proferiu a Imunização Racional. Já para Gabriel, o Pensador, a paz é o cachimbo. Sentiu a diferença? Há mais de sete bilhões de pazes neste mundo, será que

não podemos concordar em algumas? Na aguardente? No best-seller de autoajuda? Na posição do ioga? Ou nas cores do lótus para a próxima tatuagem?

Trancados na gaveta do quarto, o controle remoto da tv por assinatura e o meu celular desligado não eram mais uma ameaça. Disposto a ouvir o silêncio das árvores e abraçar as montanhas, procurei pela aniversariante.

— Desliga o celular, mãe! Vamos fazer uma trilha, que tal?

Focada na telinha, os dedinhos inchados de cortisona tinham vida própria.

— Oi filho, estou desativando as notificações. Vem sentar um pouco aqui na varanda comigo.

Sentei. Lá meditamos por três dias. Eu, com os conselhos do poeta. Ela, com os batuques do algoritmo.

— Essa viagem está tão linda! No meu aniversário de sessenta anos você vai me levar na Broadway?

E seu aniversário foi assim, cheio de paz.